

O Caminhense

Edição nº 1370

14 de Agosto de 2009

OPINIÃO

CENTRO CULTURAL DO ALTO MINHO COMEMORA 30 ANOS DE ACTIVIDADE

A Feira do Livro de Viana do Castelo, que decorreu de 11 a 26 de Julho, sob a organização conjunta do Centro Cultural do Alto Minho e da Câmara Municipal de Viana do Castelo, acontece anualmente, com crescente projecção em toda a região, e já vai na XXIX edição enquanto Expo/Feira do Livro e na XIII edição da Lusofonia.

Este ano ficou marcada pela evocação dos 750 anos da fundação de Viana, com edição de livros sobre história e etnografia vianenses e tertúlias de debate e reflexão.

Foram duas semanas de animação cultural intensa, com recitais, teatro, música de todo o género (portuguesa e dos países lusófonos), lançamento de novos livros, e debates com a participação de escritores do universo lusófono.

Com a realização de uma tertúlia comemorativa de "Os 30 anos do centro Cultural do Alto Minho nos caminhos da cultura em Portugal", na Biblioteca Municipal pelas 22.00 h do dia 26 de Julho, se encerrou a Expo/Feira do Livro 2009, que contou com a participação de Marcelino de Sousa Lopes (Doutor em Animação Sociocultural), Francisco Madeira Luís (Animador Sociocultural), e Alberto Serra (Jornalista da RTP), organizada pelo Centro Cultural do Alto Minho e moderada pela sua presidente Dr.ª Luísa Quintela.

A explanação da génese dos Centros Culturais no país coube a Madeira Luís que, na qualidade de técnico superior do Ministério da Cultura de então, tutelado por Dr. David Mourão Ferreira, acompanhou de perto todo este processo desencadeado na sequência da publicação, em 1978, do Decreto-Lei que criou as condições para a instituição destes Centros Culturais.

Nesse tempo, os governantes tinham a consciência de que a animação sociocultural era o caminho seguro para o desenvolvimento da cultura democrática, em ordem à participação dos cidadãos na construção da sua sociedade, exercendo o seu direito de cidadania. Assim, foram destacados técnicos da área da cultura que percorreram o país, como Madeira Luís, que deu testemunho do apoio que foi dado no terreno em proximidade com os agentes culturais locais, e que lembrou o seu envolvimento na criação do Centro Cultural do Alto Minho.

Mas nas últimas décadas as políticas, nesta matéria, foram-se invertendo, segundo acentuou Marcelino de Sousa. Foi com muita clareza e frontalidade que apontou o desinteresse dos sucessivos governos pela dinâmica cultural. E exemplificou: "sempre que os governos se propõem conter a despesa pública, começam sempre por cortar na cultura, na educação e na saúde, que são condições básicas (mínimas) para a qualidade de vida dos cidadãos".

Conhecedor da realidade concreta, e não apenas de filosofias teóricas, abordou ainda as relações política(políticos)/cultura/movimentos associativos socioculturais. A animação sociocultural, sublinhou, tem de ter a sua autonomia e liberdade de acção, e quando fica dependente do subsídio da autarquia, susceptível de atribuição discricionária, ou em função da formatação ou cor preferidas, sofrerá desvirtuamento nefasto. Não deixou de acusar os abusos do poder neste domínio, muito negativos para uma saudável convivência democrática.

O jornalista Alberto Serra reportou-se à sua experiência vivida na era Pós-25 de Abril. Referiu o extraordinário trabalho comunitário desenvolvido nessa época, com a entusiástica e solidária participação dos jovens junto das populações, despertando os seus genuínos valores culturais e promovendo acções lúdicas de lazer. E foram esses actores, acrescentou, que na generalidade assumiram mais tarde a dinâmica da implantação e sucessiva acção dos Centros Culturais por todo o país.

Com tais pedradas no charco, tendo em conta as proposadamente provocadoras afirmações de Marcelino Sousa, estava lançada a polémica.

O debate foi vivo e interessante, pois não faltavam políticos na plateia. Obrigou a questionar e a reflectir sobre os vários aspectos da cultura e suas componentes. Ninguém ignora hoje o grande contributo da cultura para o desenvolvimento sociocultural dos povos e respectivo progresso. E é em democracia que a animação cultural se afirma como caminho de emancipação dos cidadãos. Mas é preciso que os governantes queiram uma sociedade de cidadãos esclarecidos, livres e activos. Será que querem? Então que invistam a sério na cultura, e que respeitem a cultura resistindo à tentação tentacular de domínio ou controlo dos movimentos associativos, que seria pernicioso.

Esta sessão constituiu, assim, pelo seu nível, um excelente e solene acto de encerramento da Feira do Livro, de comemoração dos 750 anos da fundação de Viana, e da justa e digna comemoração dos 30 anos da criação do Centro Cultural do Alto Minho, a quem endereçamos merecidas felicitações.

Manuel Afonso